

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

RELAÇÃO ENTRE A DIMENSÃO VERTICAL DE OCLUSÃO E DISTÚRBIOS AUDITIVOS

AUTOR PRINCIPAL: Carolina Anchieta

CO-AUTORES: Julia Nascimento Colvero, Ferdinando de Conto, Gisele Rovani.

ORIENTADOR: Meteus Ericson Flores.

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo.

INTRODUÇÃO:

Desde a publicação de Costen em 1934, tem-se discutido a hipótese de uma conexão direta entre disfunções na articulação temporomandibular e a presença de sintomatologia auditiva. Muitos pacientes apresentam diminuição de dimensão vertical de oclusão (DVO) por não possuírem uma reabilitação oral satisfatória ou pela ausência da atividade reabilitadora. A consequência é, muitas vezes, o dano na articulação temporomandibular (ATM), o que pode originar algum distúrbio de audição. Objetivo desta pesquisa é avaliar se a diminuição da DVO é um fator prevalente em pacientes que apresentam algum distúrbio auditivo.

DESENVOLVIMENTO:

O estudo foi realizado diretamente com voluntários. Dividiu-se em pesquisas odontológicas e fonoaudiológicas. Na pesquisa odontológica foi usado o método de Willis. Para avaliar a ATM o questionário de Fonseca foi utilizado para caracterizar a severidade dos sintomas da disfunção e dor temporomandibular (DTM). A avaliação audiológica foi realizada pelo exame de audiometria tonal liminar (ATL), que tem como objetivo verificar a acuidade auditiva. Todos os sujeitos da pesquisa foram triados e examinados no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias, da Construção e do Mobiliário de Passo Fundo. Os dados obtidos foram tabulados e analisados na planilha eletrônica Excel for Windows. A amostra foi composta de 57 pacientes, com a faixa etária entre 18 e 47 anos (média=31,1). Houve predominância do sexo masculino (89,5%). Nos pacientes que demonstraram ter DVO aumentada (n=4), 25% tiveram perda de grau severo e 75% não manifestaram alteração auditiva. Em relação à diminuição da DVO (n=15), 53,3% constataram alteração auditiva sendo que 39,97% com perda de grau leve, 6,66% perda de grau moderado e 6,66% com perda de grau moderadamente severo. 66,7% dos pacientes sem alteração da DVO apresentaram perda audição (10,5%). Utilizou-se o método do coeficiente de Correlação de Pearson

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



(r) onde mede o grau de correlação linear entre duas variáveis quantitativas neste estudo foram analisados: DTM x FONO($r= 0,194976$); DVO x FONO($r= 0,245302$) e DTM x DVO($r= 0,254104$). SILVA et al. (2007) ressaltam em seu estudo que nas condições atuais da sociedade, os idosos são desvalorizados quando nos referimos a certas atividades, são considerados como incapazes por sua baixa produtividade devido às limitações naturais e ao declínio de várias funções vitais como das acuidades auditiva e visual, da diminuição das sensibilidades tátil e dolorosa determinadas por sua idade, tal relato explica a predominância jovem da população estudada que desempenha o seu trabalho nas indústrias. Em relação a DVO, Farias et al. (2009) evidenciaram que quanto maior a faixa etária estudada, maior é a prevalência de alteração da DVO. Bess et al. (2001) apontam a perda de audição encontrada nos idosos como uma consequência frequente do processo de envelhecimento, sendo que a deficiência auditiva nesta população é uma das três condições crônicas mais prevalentes, ficando atrás somente da artrite e da hipertensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

- Houve aumento de casos de perda de audição com a presença de alterações da DVO.

REFERÊNCIAS:

ALVES, M. C. R.; SANT'ANNA, C. B. M.; VERRI, A. C. G. Sinais e sintomas na Síndrome de Costen associada a desordens temporomandibulares: relato de caso clínico. Revista Odontológica de Araçatuba, v. 32, n. 1, p. 65-69, 2011.

BOTTECCHIA, M. Síndrome de Costen. Disponível em: <<http://www.hbpscs.com.br/medicos/artigos/24-sindrome-de-costen>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

CAMACHO, G. Relações dinâmicas dos maxilares. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/aditeme/files/2016/03/Dinamica_MM_2014.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2017

DOI, R. K.; SHIBAYAMA, R.; SHIBAYAMA, B.; DE FABBRI, R. R. Estudo dos movimentos básicos da mandíbula. Semina, v. 19, ed. especial, p. 42 - 46, 1998.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):
70969816.9.0000.5342.

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO
REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



ANEXOS:

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.